

Saúde planetária e sustentabilidade na Baía de Sepetiba (RJ): Diálogo entre saberes tradicionais e pesca artesanal

Gisele Braga Torqueti¹, Adriana Gomes dos Anjos^{2,3}, Nádia Lemos dos Santos², Carlos Eduardo Aquino de Souza², Sergio Hiroshi Okazaki⁴, Vânia Lúcia de Pádua²

¹Centro Integrado de Educação Pública 497 Professora Sílvia Tupinambá, Itaguaí – RJ

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Zona Oeste, Rio de Janeiro – RJ

³ Colégio Municipal Jornalista Carlos Castelo Branco

⁴ Associação dos Pescadores e Lavradores da Ilha da Madeira, Itaguaí – RJ

E-mail do autor principal: vania.padua@uerj.br

Grupo Temático: Meio Ambiente

Resumo: A Baía de Sepetiba sofreu nas últimas décadas intensa degradação socioambiental decorrente da expansão industrial e portuária sem planejamento, impactando especialmente comunidades pesqueiras artesanais que enfrentam vulnerabilidade ampliada pela invisibilidade. O projeto adotou a perspectiva da Saúde Planetária, que reconhece a interdependência entre saúde dos ecossistemas e bem-estar humano. O objetivo geral foi promover a sustentabilidade socioambiental do território integrando saberes tradicionais e científicos e combatendo a invisibilidade das comunidades pesqueiras. O local de atuação abrangeu escolas públicas de Itaguaí e Cosmos, a Ilha da Madeira e o campus Zona Oeste da UERJ. O público-alvo incluiu pescadores artesanais da Ilha da Madeira, estudantes do ensino fundamental (6º e 7º ano) e a comunidade universitária. Desenvolvido ao longo de dezoito meses, o projeto transitou da tentativa inicial de questionários para uma abordagem dialógica, estruturada em três eixos: entrevistas aos pescadores, oficinas participativas e passeio etnográfico no Rio Cação Vermelho com estudantes, seguidos de sistematização conjunta das percepções ambientais. Realizou-se ainda evento dialógico no campus com pescadores, pesquisadores e estudantes. Como indicadores, o diálogo revelou compreensão sistêmica do território ("não é só o mar, o mangue, mas os nossos rios também") e interesse em iniciativas de sustentabilidade, como a retirada de toneladas de lixo do manguezal. Definem seu conhecimento como "Inteligência Ancestral", embora sintam sua desvalorização. A crítica de que a academia coleta dados sem devolutiva tornou-se princípio do projeto. O evento evidenciou que muitos graduandos desconheciam a realidade local. O objetivo foi parcialmente alcançado, com avanços na valorização do conhecimento tradicional e na conscientização estudantil. As atividades promoveram engajamento e aprendizagem colaborativa, estimulando ideias sustentáveis baseadas nas realidades dos alunos. A principal lição é que a extensão deve praticar a devolutiva sistemática do conhecimento ao território, sob risco de reproduzir a lógica excludente que perpetua a injustiça ambiental.



Palavras-chave: Inteligência Ancestral, Educação Ambiental, Invisibilidade Social